ÍNDICE

NOME	Pg
AGRADECIMENTOS	02
NOTA DO AUTOR	04
PERSONAGENS	05
OPARA – A LENDA DE IATI E POPIÁ	06
BIBLIOGRAFIA	44

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Criador nosso Deus que nos inspira a encontrar o conhecimento nas coisas e pessoas que nos rodeiam. A Dona Sandra Correia (minha mãe) por ter me introduzido no mundo das letras e ter paciência de fazer a revisão ortográfica. A Alexsandro (meu irmão) que tanto tem tentado me fazer enxergar a vida de maneira lógica, e me amparado nos tropeços da minha jornada. Ao meu querido tio Uziel por sempre, de forma entusiasmada e carinhosa valorizar tudo que fiz até hoje. A minha querida cunhada Aline e minha "sogra por extensão" Tereza que também me dão muita força. Ao amigo-irmão Nagib cujas longas conversas renderam muitos ensinamentos e poemas, e como sempre deu apoio nos momentos difíceis e me estimulou a seguir adiante nesta obra. Ao grande amigo Dílson Tavares que desde a minha estréia no Mordomo se faz presente cumprindo seu papel de valoroso amigo. A minha prima-irmã Danielle Silva que sempre me ouve e orienta e participa ativamente em cada projeto. Ao inesquecível mentor e ídolo Agonalto Pacheco, que foi a pessoa que leu o primeiro conto que escrevi, aos nove anos de idade, e me vez prometer que escreveria uma estória nova para mostrá-lo sempre que o visse. A professora Gleide do Colégio "17 de Março" que me fez começar a escrever textos para teatro e os primeiros contos e crônicas. A professora Margot e Ivanise, também do "17" que me inscreveram no primeiro concurso de poesia que participei aos 12 anos com o poema "Brasil tristeza

do povo Brasileiro" ganhador de prêmio. A todos amigos que fiz enquanto cursei o primeiro grau, que sempre se engajaram nas peças de teatro improvisadas, escritas num dia e na maioria das vezes encenadas no outro. Aos amigos e Quimiquíssimos da ETFSE que também acreditaram e me fizeram crer que poderia haver algum futuro pra mim como escritor. Ao amigo Márcio Macedo que me incentivou a participar do "Caderno do Estudante 1999 – da UFS", o qual recebi alguns prêmios. Ao Jornalista Luciano Correia que me introduziu na arte de Roteiro abraçando a idéia de se fazer uma mini-série na televisão local. A Ana Paula, Viviane, Valnísia toda equipe da Infonet que sempre ajudaram na divulgação da minha arte literária e acreditaram na idéia das novelas on-line. As jornalistas Waneska Cipriano, Valéria Nascimento que sempre acompanharam minha trajetória e me incentivaram a seguir em frente. A amiga Mércia Bomfim, aos amigos dos grupos de teatro no qual trabalhei, aos amigos da SMTT, da Guarda Municipal, Polícia Civil e Militar que também me incentivaram a continuar escrevendo. Em especial a Wesley, Tiago Rodrigues e toda a galera do eterno sexto pelotão. Também não posso deixar de agradecer as pessoas maravilhosas que tive oportunidade de conhecer e muito aprender: A toda equipe PM5 o meu sincero muito obrigado por tudo. A equipe do portal Mineiro Net Love que publicaram durante muito tempo minha coluna "Crônicas para vida". A Arthur grande amigo também muito importante neste processo. Aos amigos da Turma de Direito Bacharelado. E principalmente ao mentor e parceiro criativo: Raimundo Venâncio! Muito obrigado este livro é de todos nós!

NOTA DO AUTOR:

OPARA, da mesma forma que o espetáculo teatral "Quando o Mordomo Não é o Culpado" também foi um marco na minha produção literária, pois tive a oportunidade de aprender sobre a riquíssima cultura ribeirinha, sobretudo no tocante à cidade de Propriá berço dos meus ancestrais. O texto foi uma proposta do dramaturgo e diretor Teatral Raimundo Venâncio que sugeriu que fosse escrito um texto comemorativo aos quinhentos anos de colonização do Rio São Francisco, em 04 de Outubro de 2001. O trabalho só foi possível graças à importante ajuda do Grupo de Teatro "Simbora" de Propriá que contribuiu com o material de pesquisa, além da revisão dos gestores do Museu Arqueológico de Xingó, da Codevasp, do Cacique da tribo dos índios Xocós em Colégio Alagoas e um representante da FUNAI, seção Sergipe.

Nos meses seguintes, também em comemoração aos quinhentos anos do "Velho Chico" o grupo Teatral "Deu Branco" com a produção de Cacilda de Jesus e Edmilson Suassuna apresentaram o espetáculo nas principais escolas de Sergipe. Pouco depois, com o mesmo intuito comemorativo, o texto teatral sofreu uma adaptação para linguagem de cinema e TV e inaugurou projeto da novelas on-line que já está na quarta edição.

Anderson Sant' Anna

PERSONAGENS

POPIA
IATI
DEUS DA CHUVA
DEUS DO SOL
DEUSA DA CHUVA
PAJÉ
AMÉRICO
ANDRÉ
ÍNDIO I
JECIOBÁ
FORASTEIRO
ÍNDIO X
PAJÉ II
CACIQUE
TRABALHADOR I e II
TOMAZ
MÃE D' ÁGUA
HERCÍLIO
CRIANÇA I
MULHER I

I ATO

O POEMA ABAIXO É UMA PRÉVIA DA PEÇA, DEVE SER APRESENTADO ANTES DAS AÇÕES.

Existiu no coração da mata uma jóia rara que possuía uma beleza fantástica.

Ela era:

Hipnótica, como ametista lapidada. Exótica, como uma esmeralda. Pura... Lírica como a preciosa água marinha. Fascinante como a safira, intrigante como a turmalina. Brilhante, idolatrada, querida e desejada como um diamante. Cheia de ternura como um rubi. Única... Assim era a doce Iati.

Existiu no coração da mata uma jóia rara que todos amavam.

Despertando a inveja dos homens da tribo, um nobre guerreiro o coração de Iati havia escolhido, e para sua agonia, por seu povo, a muito seu amado tinha partido... E ela chorou desiludida... E sobre o pranto de Iati e das árvores comovidas, dias após dias, gotejaram sobre as pedras lágrimas incessantes. E enquanto Iati se martirizava, suas lágrimas deslizavam, enchiam cavidades, avolumavam-se, e encachoeiravam-se formando o grande Opara.[1]

Existiu no coração da mata uma jóia rara... Que morreu com saudades do seu amado.

[1] Fragmento do texto introdutório do documentário: O Rio São Francisco

NA MATA, ÍNDIOS DANÇAM O TORÉ DA COMEMORAÇÃO. DESTACADOS POR UM FOCO ENCONTRAM-SE IATI E POPIÁ[2]

POPIÁ: - Nem acredito... Houve momentos que pensei em desistir.
IATI: - Se outro vencesse, eu me mataria.
POPIÁ: - Só de pensar... (*ENCARAM-SE POR ALGUNS SEGUNDOS, ATÉ POPIÁ DESVIAR O OLHAR*) Na caverna sem volta, antes de entrar, ouvi os grunhidos da fera... E então lembrei dos que morreram tentando... E quando minhas pernas deixaram de obedecer a minha cabeça, foi a lembrança do teu carinho, da tua luz... O imenso desejo de que você fosse minha, minha...
IATI: - Eu sou tua.
POPIÁ: (*ABRAÇANDO*) - Você me fez prosseguir. Até aquele momento eu ainda não era guerreiro. (*ENTREGA UM COLAR DE DENTES DE CARNÍVOROS*) Você foi minha lança.
IATI: - Eu sou tua.

SUSPENSOS E ENVOLVIDOS POR NUVENS, ESTÃO O DEUS DO SOL E O DEUS DA CHUVA.

DEUS DA CHUVA: - Que lindo!
DEUS DO SOL: - Pare de chorar homem!
DEUS DA CHUVA: - Não posso, é muito lindo.
DEUS DO SOL: - Não há nada de bonito nisso.

[2] Na língua tupi significa ferrão, punhal ou dente de cobra.

DEUS DA CHUVA: - Como não?
DEUS DO SOL: - O que vês?
DEUS DA CHUVA: - Amor.
DEUS DO SOL: - Sabes o que vejo? Insulto!
DEUS DA CHUVA: (*SORRINDO*) - Estás delirando.
DEUS DO SOL: - Insulto sim! Como ousam reverenciar um simples mortal?
DEUS DA CHUVA: - Por mérito. Vencendo a prova da bravura ele conquistou a mão da índia mais linda da tribo. Justo, não vejo nada demais nisso... Até eu se estivesse lá cumprimentaria esse nobre guerreiro.
DEUS DO SOL: - Dançarias? E nós, onde ficamos?
DEUS DA CHUVA: - Ficamos aqui, admirando.
DEUS DO SOL: (*INDIGNADO*) - Admirando?
DEUS DA CHUVA: - É.
DEUS DO SOL: - Insisto, estão nos insultando, e o pior: de propósito!
DEUS DA CHUVA: - Vá descansar.
DEUS DO SOL: - Queres uma prova?
DEUS DA CHUVA: - Se isso vai lhe acalmar, quero.
DEUS DO SOL: - Só uma pergunta: Por que não dançam mais para nós?
DEUS DA CHUVA: - Não fales por mim.
DEUS DO SOL: - Como?
DEUS DA CHUVA: - Uma vez ou outra estão dançando para Tupã: O Deus da Chuva.
DEUS DO SOL: - Quando precisam.
DEUS DA CHUVA: - Por respeito.
DEUS DO SOL: - Respeito? Ah! Ah! Ah!
DEUS DA CHUVA: - Por que esse Ah, Ah?
DEUS DO SOL: - Enxergue-se, não passas de um chorão.

DEUS DA CHUVA: - Saibas que isso é motivo de orgulho...
DEUS DO SOL: - Orgulho? Me engana que eu gosto.
DEUS DA CHUVA: - Os que choram, os que se emocionam sem vergonha, são mais felizes. O índio venceu por que a amava.
DEUS DO SOL: - Foi sorte, aquele índio não passa de um fraco.
DEUS DA CHUVA: - Quem não é sensível é que é vazio... Um fraco.
DEUS DO SOL: - É por essas e outras que nos insultam.
DEUS DA CHUVA: - Não existe nenhum insulto, eles me respeitam e sempre vão me respeitar.
DEUS DO SOL: (*SORRINDO*) - Tolo. O pior cego é aquele que não quer ver.
DEUS DA CHUVA: - Pode continuar rindo, não me importo. Tenho minha consciência tranqüila, sei que sabem que sem mim não comem e nem bebem.
DEUS DO SOL: - Estás insinuando que és mais forte que eu?
DEUS DA CHUVA: - És tu que estás dizendo.
DEUS DO SOL: - Meu fogo acaba com sua água.
DEUS DA CHUVA: - Evapora meu caro, evapora.
DEUS DO SOL: - Que seja.
DEUS DA CHUVA: - Lembre-se que a minha água extingui literalmente o seu fogo.
DEUS DO SOL: - Retire o que disse!
DEUS DA CHUVA: - Não retiro, sabes que é verdade.
DEUS DO SOL: - Pois vamos ver quem é o mais forte. Secarei todos os rios e mares que fizeres em volta desta região.
DEUS DA CHUVA: (*COM DESDÉM*) - Pra quê? O que secares pelo dia encherei a noite.

O DEUS DA CHUVA FAZ UM GESTO E COMEÇA A CHOVER, OBERVA AFETUAOSAMENTE A MOVIMENTAÇÃO NA TRIBO. COM OS PRIMEIROS PINGOS, OS ÍNDIOS RECOLHEM-SE NAS OCAS. GRADATIVAMENTE A CHUVA AUMENTA.

DEUS DO SOL: (*COLÉRICO*) - Não haverá mais noites!

APÓS UM GESTO, SUBTAMENTE AMANHECE.

DEUS DA CHUVA: - Jogaste sujo.
DEUS DO SOL: - Peças perdão.
DEUS DA CHUVA: - Por quê?
DEUS DO SOL: - Por ter me chamado de fraco.
DEUS DA CHUVA: - Sua atitude é uma demonstração de fraqueza.

CHEGA A DEUSA DA LUA.

DEUSA DA LUA: - Que brincadeira é essa, meu expediente ainda não cessou.
DEUS DO SOL: - A partir de hoje estás de férias.
DEUSA DA LUA: - Posso saber o por quê?
DEUS DA CHUVA: (*IROÔNICO*) - Por que, segundo ele, o chamei de fraco.
DEUS DO SOL: (*NUM ACESSO DE RAIVA CRESCENTE*) - Peças perdão!
DEUSA DA LUA: - Parem já com isso!
DEUS DA CHUVA: - Estou quieto.
DEUSA DA LUA: - Sol, sua rixa é contra ele, (*APONTA PARA OS ÍNDIOS*) não os importune!